OS DESTAQUES DO RANKING

MÁRCIO BUENO



AMBEV: FUSÃO DE GIGANTES

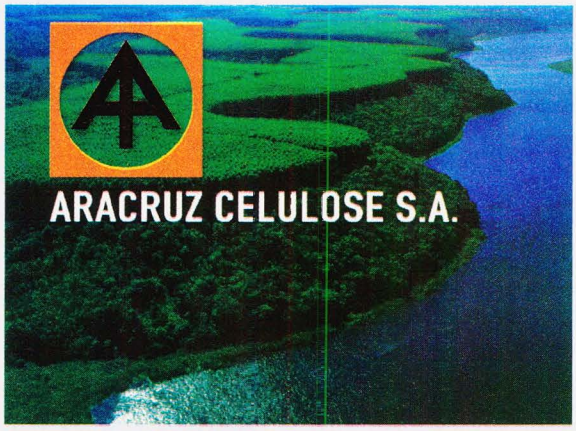
A AmBev – Companhia de Bebidas das Américas – é a maior empresa brasileira de bebidas e a quinta do mundo. No segmento de cervejas detém a quarta posição mundial. Sua linha de produtos inclui também refrigerantes, isotônicos, chás e águas, com 38% de participação no mercado total de bebidas do Brasil. Em cervejas, o *market share* é de 73%, dividido entre suas três principais marcas: Brahma, Antarctica e Skol. Entre os refrigerantes, os destaques são o Guaraná Antarctica, produzido a partir de um fruto típico da floresta amazônica, e a Pepsi-Cola, como licenciada da marca internacional.

A Ambev foi criada no ano passado em 1° de julho, com a associação das cervejarias brasileiras Brahma e Antarctica. A fusão das duas maiores empresas brasileiras do setor foi aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) em 30 de março deste ano. A empresa tem 46 unidades industriais em 18 estados brasileiros, além de quatro fábricas no Uruguai, Argentina e Venezuela. As suas operações de exportação já abriram mercados em mais de 25 países e devem se expandir em decorrência da nova estrutura obtida com a fusão. Para a direção, essa foi a principal motivação para Brahma e Antarctica se unirem, como forma de competir em um mercado que se caracteriza pela formação de blocos internacionais, como o Mercosul e a Alca (Área de Livre Comércio das Américas), que se tornará realidade a partir de 2005.

Em julho, em parceria com a francesa Danone, negociou a opção de compra da segunda maior companhia de bebidas do Uruguai, a Salus, líder do mercado de água mineral naquele país e vice-líder em cervejas, com a marca Patrícia.

No segundo trimestre de 2000, o primeiro trimestre de atividade efetiva após a aprovação da fusão determinante da AmBev, a receita líquida atingiu R$1,1 bilhão, representando evolução de 13,7% quando comparado ao *pro forma* do segundo trimestre de 1999. O EBITDA (lucro operacional antes de impostos, resultado financeiro e depreciação) foi de R$245,3 milhões, 22,3% superior ao obtido no mesmo período do ano passado.

A AmBev anunciou em outubro, para sua fábrica no Rio de Janeiro, um investimento de US$60 milhões para a instalação de 10 usinas a gás de co-geração até 2003. As obras acontecerão em suas unidades industriais espalhadas por todo o país. O BNDES poderá financiar até 60% do investimento.



ARACRUZ: FIBRA NADA CURTA

A empresa originou-se da criação da Aracruz Florestal, em 1967, com a compra de 10 mil hectares de terras degradadas no município capixaba de Aracruz. A primeira muda de eucalipto foi plantada no dia 2 de novembro de 1967, ano em que foram plantados cerca de 1 mil hectares. No ano seguinte começaram as pesquisas florestais, que durariam até 1972, quando foi fundada a Aracruz Celulose S.A. Em 1974, as atividades florestais da empresa se estendiam aos municípios de São Mateus e Conceição da Barra.

A produção de celulose começou em 1978, com a entrada em operação da primeira fábrica, com capacidade produtiva de 475 mil toneladas/ano. Em pouco tempo, a Aracruz tornou-se a principal fornecedora de celulose para as fábricas brasileiras de papel e também a principal produtora e exportadora de celulose de fibra curta do Brasil.

O relacionamento da Aracruz com a área rural é de produção própria. Em 1988, as atividades florestais se estendiam até o Extremo Sul da Bahia e em 1991, com investimentos de US$1,2 bilhão, foi inaugurada a segunda fábrica, o que permitiu a produção do primeiro milhão de toneladas de celulose por ano.

O controle acionário da Aracruz é exercido pelos grupos Lorentzen (28%), Mondi International (28%), Safra (28%) e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES (12,5%). As ações preferenciais da empresa, perfazendo mais de 50% da base acionária, são negociadas nas bolsas de São Paulo, Nova York e Madri.

Com o projeto de modernização de 1997, a Aracruz passou a produzir cerca de 1,240 milhão de toneladas de celulose por ano. Atualmente a empresa se prepara para mais um salto quantitativo, com a instalação de uma terceira unidade de produção, o que lhe permitirá produzir mais de 2 milhões de toneladas de celulose por ano.

BASF: QUÍMICA DE SUCESSO

A primeira fábrica da Basf S.A. no Brasil começou a ser construída em 1955 na cidade paulista de Guaratinguetá. Hoje, a empresa tem 13 unidades industriais instaladas em cidades dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco. A Basf pertence integralmente à alemã Basf Aktiengesellschaft, maior indústria química da Europa, presente em todos os segmentos da química: plásticos e fibras, petroquímicos e inorgânicos, químicos industriais, intermediários, farmacêuticos, química fina e produtos fitossanitários, corantes e produtos acabados, petróleo e gás. A matriz, Basf AG, foi fundada em Ludwigshafen, em 1865, e hoje tem 114 empresas espalhadas por 170 países.

A empresa fornece tecnologia (produtos) para o setor rural e investe, em nível mundial, em pesquisa e desenvolvimento de novos produtos/tecnologia para este segmento. Em 1999, o grupo Basf registrou vendas totais no Brasil de US$1,2 bilhão. O desempenho da empresa no país está dentro das expectativas planejadas para este exercício. As vendas totais no primeiro trimestre deste ano mostraram um crescimento de 6%, em reais, em relação ao mesmo período de 1999. Para a direção da empresa, o cenário econômico para o ano 2000 tem apresentado perspectivas bastantes otimistas em relação à ativação da economia e, diante disso, a Basf espera um crescimento superior ao projetado para o PIB. A empresa está planejando investir US$425 milhões no Brasil até 2004.

CEVAL: ESMAGADORA CAPACIDADE

A história da Ceval – hoje uma divisão da Bunge Alimentos – está ligada ao sucesso da expansão da soja no Brasil. A empresa Ceval Agroindustrial de Cereais do Vale S.A. foi constituída em janeiro de 1972 pela família Hering, dona da centenária Cia. Hering, de Blumenau, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Com a desativação de uma usina de açúcar na região, as terras passaram a ser ocupadas pelo cultivo do milho, arroz e soja e surgiu a necessidade de uma empresa para industrializar e principalmente comercializar esses cereais. Em outubro de 1973, entrou em operação a primeira unidade de esmagamento de soja da Ceval, com capacidade para 100 toneladas por dia.

Em 1997, a Hering vendeu o controle acionário da Ceval para a Bunge, multinacional com sede em White Plains, na cidade de Nova York, Estados Unidos. Os negócios de carnes e milho, que haviam sido incorporados pela Ceval na década de 80, foram desmembrados. Foi criada a Seara Alimentos e a área de milho, bem como a de produtos como margarinas, cremes vegetais e óleos especiais foram agregadas à Santista Alimentos, também da Bunge. Em contrapartida, a Ceval assumiu as fábricas e as unidades de armazenamento de soja da Santista, o que praticamente duplicou a sua capacidade de esmagamento no país (8 milhões de toneladas por ano) e consolidou a liderança no complexo soja na América Latina.

Hoje, a Divisão Ceval emprega diretamente em torno de



3.300 colaboradores em 15 indústrias que possui em cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Bahia e Pernambuco, acrescidas de mais de 200 silos e armazéns em 14 estados da

Federação. A centralização dos negócios da Divisão Ceval no complexo soja, a partir de 1997, com a compra do controle acionário pelo Grupo Bunge, propiciou a extensão das vendas para cerca de 30 países, principalmente da Ásia, Europa e Oriente Médio. Em 1999, as exportações da empresa somaram R$1,8 bilhão, o que correspondeu a 57,6% do total das vendas.

A Divisão Ceval trabalha com mais de 20 mil produtores rurais, financiando o plantio, numa operação conhecida como "soja verde", além de prestar atendimento permanente. A empresa tem honrado os contratos com os produtores rurais e clientes, apesar dos planos econômicos internos, crises de moedas, crises regionais e internacionais. Em 1999, o faturamento da Divisão foi de R$3,1 bilhões.



PÃO DE AÇÚCAR: VAREJO EM EXPANSÃO

A Companhia Brasileira de Distribuição – grupo Pão de Açúcar – tem sua origem na fundação da Doceira Pão de Açúcar, em 1948, em São Paulo. Em 1959, é aberto o primeiro supermercado, ao lado da doceira, e na década seguinte começa a expansão no estado de São Paulo, através da abertura de novas lojas ou da aquisição de supermercados existentes. Na década de 70, o grupo diversifica os negócios e dá continuidade à expansão do varejo, com a abertura de hipermercados, aquisição de redes e se fazendo presente também em países como Portugal, Angola e Espanha.

Na década de 80, após a inauguração do Minibox, mercearia de desconto, abre novos formatos de loja: a Sandiz – loja de departamentos –, o Superbox – loja depósito – e o Peg & Faça – loja de bricolagem. No início dos anos 90, o grupo se concentra no Brasil em sua principal área de negócios: o varejo. Em 1995, abre o capital com a colocação simultânea de ações no Brasil, Estados Unidos e Europa, tornando-se dois anos depois a quarta empresa brasileira e a primeira no setor de varejo do Brasil a ser listada na Bolsa de Valores de Nova York.

Com a expansão através de aquisições, inauguração de novas lojas e modernização das já existentes, apresenta um crescimento nos últimos cinco anos de 61% no número de lojas e de 154% na área de vendas. Em 1999, é assinado contrato de investimentos com o Grupo Casino, companhia francesa de varejo, que adquire uma participação acionária minoritária da Companhia Brasileira de Distribuição. Este ano o grupo realizou nove aquisições, tendo agregado 64 novas lojas à rede, que agora conta com o total de 419 lojas em 11 estados do Brasil, operando com as marcas Pão de Açúcar, Eletro, Barateiro, Superbox e Extra. Mantendo o programa de expansão, a companhia realizará este ano investimentos de R$700 milhões, sem contar gastos com aquisições. Os recursos serão aplicados em crescimento orgânico, com abertura e reforma de lojas, além de logística, distribuição e tecnologia da informação.

SADIA: VALOR AGREGADO



Sadia começou a surgir no início da década de 40 na cidade de Concórdia, no Oeste catarinense, quando o gaúcho Attilio Fontana, descendente de italianos, comprou um velho moinho de trigo e um pequeno abatedouro de suínos. O nome da empresa foi tirado da sua primeira razão social – S.A. Indústria e Comércio Concórdia – pela junção das duas primeiras letras (SA) com as três últimas (dia). No fim da década de 40, quando os trens ainda eram extremamente lentos e as estradas não passavam de atoleiros, os produtos da Sadia, como farinha de trigo, banha, linguiça e salame já chegavam em muitos pontos do território nacional.

Na década de 50, a Sadia investiu no aprimoramento dos produtos, acompanhando a mudança de hábitos de consumo de alimentos que acontece com o avanço da industrialização e da urbanização. Na década de 60, a empresa incorpora a avicultura. Em 68, o abate de frangos supera 1 milhão de unidades/ano e inicia o abate de perus, ainda hoje um dos principais produtos da empresa.

Na última década, a Sadia decidiu investir em produtos de maior valor agregado, desfazendo-se dos segmentos de processamento de soja e de abate de bovinos. A empresa passou a incrementar substancialmente a produção de alimentos industrializados prontos e semiprontos – de peixes processados, massas frescas, margarinas, pratos prontos congelados e *pizzas* congeladas a sobremesas prontas.

A Sadia tem hoje cerca de 30 mil funcionários e possui plantas industriais em sete estados da Federação, oferecendo ao público consumidor brasileiro aproximadamente 500 produtos e exportando cerca de 100 itens para 50 países. Em 1999, a receita bruta foi de R$3,14 bilhões, o que representou um crescimento de 18,5% em relação ao ano anterior. A empresa tem investido historicamente cerca de US$100 milhões por ano e, em 1999, os investimentos chegaram à casa do R$227 milhões.

Atenta ao surgimento de novos hábitos de consumo, este ano a empresa lançou a linha Sadia Light, primeira do setor de produtos industrializados de carne branca, com baixos teores de gordura e calorias. Inicialmente com sete produtos à base de carne de peru, logo em abril a linha ganhou mais cinco novos itens, incluindo a novidade da mortadela de peru.

SOUZA CRUZ: TRANSPARÊNCIA COM INVESTIDORES

Souza Cruz é uma das dez maiores empresas privadas do Brasil e líder absoluta no setor de cigarros, com 83,3% do mercado. Foi criada em março de 1903, no Rio de Janeiro, pelo imigrante português Albino Souza Cruz, pioneiro na fabricação de cigarros no país. Em 1914, com o objetivo de incorporar tecnologias avançadas ao processo de produção, a Souza Cruz passou a integrar o grupo inglês British American Tobacco – que atualmente é a segunda maior empresa de cigarros do mundo, com 16% das vendas mundiais (714 bilhões de cigarros/ano), e a líder de mercado na América Latina. Além da produção de cigarros, a Souza Cruz atua na exportação de fumo, setor em que é a maior do mundo.

A empresa segue o modelo integrado de produção agrícola, financiando o insumo aos produtores, que plantam e vendem-lhe a produção. A Souza Cruz trabalha com projetos de reflorestamento e pesquisa de novas tecnologias para reduzir o custo do produtores e aumentar a produtividade das plantações. Também desenvolve junto aos agricultores programas comuni-



tários para o manejo de solo e erradicação de pragas, incentivando o plantio de milho e feijão após o cultivo do fumo. Outros programas, como o Clube da Árvore e Hortas Escolares, são desenvolvidos junto às escolas como apoio à educação ambiental.

Em julho deste ano, a Souza Cruz firmou convênio com o governo do estado do Rio Grande do Sul para a construção de um complexo para a fabricação de cigarros, possivelmente no município de Cachoeirinha. Até 2005, os investimentos nesse projeto devem atingir R$250 milhões. A previsão é de que a obra seja concluída em 2002, quando a empresa pretende ampliar o número de postos de trabalho naquele estado em 2.500 vagas (empregos diretos e indiretos).

A empresa fechou o ano de 1999 com cerca de 5 mil funcionários, lucro de R$582 milhões e, apenas em impostos indiretos, recolheu aos cofres públicos R$3,9 bilhões – a Souza Cruz é um dos maiores contribuintes individuais do país. O volume total de cigarros comercializados em 1999 pela empresa, nos mercados interno e externo, alcançou 84,1 bilhões de unidades, e as exportações de fumos atingiram 76,2 mil toneladas. No ano passado, a Souza Cruz recebeu do Instituto Miguel de Calmon o prêmio de Melhor Empresa do Brasil e, em 2000, da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, o Prêmio Mauá, pela transparente relação com seus investidores.

Márcio Bueno é jornalista.

